

A construção de “clássicos”:

Registro de uma vivência e Sobre arquitetura

Ricardo de Souza Rocha*

Resumo A partir da ideia amplamente conhecida de “clássico”, como na expressão “livro clássico”, o presente artigo apresenta uma análise crítica da nova edição do livro *Registro de uma Vivência* de Lucio Costa. Esta nova edição do livro, que conta com um novo posfácio da historiadora e filósofa Sophia da Silva Telles, propõe “paratextualmente” novos protocolos de leitura da obra, entendendo-a como uma obra “clássica”. Nesse sentido, a discussão se estabelece através da comparação das três edições do livro *Registro de uma Vivência* com as duas edições de *Lucio Costa: Sobre Arquitetura*, livro inicialmente organizado por Alberto Xavier na década de 1960 e novamente publicado nos anos 2000.

Palavras-chave: Lucio Costa, autobiografia, recepção da obra.

La construcción de “clásicos”: *Registro de uma vivência e Sobre arquitetura*

Resumen Desde la idea ampliamente conocida de “clásico”, como en la expresión “libro clásico”, el presente artículo ofrece un análisis crítico de la nueva edición del libro *Registro de una Vivência* del arquitecto brasileño Lucio Costa. Esta nueva edición del libro, con un nuevo posfacio de la historiadora y filósofa Sophia da Silva Telles, propone “paratextualmente” nuevos protocolos de lectura de la obra, entendiéndola como una obra “clásica”. En este sentido, la discusión se establece a través de la comparación de las tres ediciones del libro *Registro de una Vivência* con las dos ediciones de *Lucio Costa: Sobre Arquitetura*, libro organizado por Alberto Xavier en la década de los años 1960 y publicado nuevamente en los años 2000.

Palabras clave: Lucio Costa, autobiografía, recepción de su obra.

The construction of “classics”: *Registro de uma vivência e Sobre arquitetura*

Abstract Starting from the widely known idea of “classic”, as in the expression “a classic book”, this article offers a detailed analysis of the new edition of the book *Registro de uma Vivência*, written by the Brazilian architect Lucio Costa. This new edition, with a postface by the historian and philosopher Sophia da Silva Telles, proposes (paratextually) new protocols for reading the work, understanding it as a “classic work”. In this sense, the discussion is established through the comparison of the three editions of the book *Registro de uma Vivência* with the two editions of *Lucio Costa: Sobre Arquitetura*, a book organized by Alberto Xavier in the 1960’s and published again in the 2000’s.

Keywords: Lucio Costa, autobiography, work reception.

lançada recentemente pela Editora 34 e pelo Sesc, a terceira edição de *Registro de uma Vivência*, espécie de “autobiografia científica” – para retomar a expressão consagrada pelo título do conhecido livro do arquiteto italiano Aldo Rossi – organizada por Lucio Costa ao longo de vários anos, distingui-se das duas anteriores não apenas pela(s) nova(s) editora(s) e capa(s), mas pela inclusão de uma nota editorial, um depoimento da filha de Lucio Costa, a arquiteta Maria Elisa Costa, e um ensaio da historiadora e filósofa Sophia da Silva Telles, ao modo de um posfácio. Elementos estes que transitam naquilo que Gérard Genette (2018) definiu como “paratextos editoriais”, mais especificamente como “peritexto”, posto que dividem o espaço do livro ao contrário do “epitexto”, situado fora do livro (resenhas etc). Peritexto e epitexto (paratexto) apresentam, assim, um livro, tornando-o presente e garantindo sua recepção e seu consumo.

Com mais de vinte anos desde sua primeira publicação, interessa-nos aqui não analisar propriamente a conhecida compilação autobiográfica de Lucio Costa, com textos de várias épocas, intercalados com imagens e *memorabilia*, mas especular sobre como estes novos acréscimos paratextuais procuram interferir na leitura/ compreensão da obra, alterando seu “protocolo de leitura” (CHARTIER, 2011; ROCHA, 2020), entendendo esta expressão, tal como propõe a historiografia francesa sobre as práticas de leitura, como a maneira pela qual um “leitor ideal” leria, atribuindo sentido, uma determinada obra – e, para tanto, autor e leitor compartilhariam uma mesma comunidade interpretativa¹.

Para tanto, usaremos a sugestão de Giovanni Levi (2011), quanto às aproximações entre a micro-história e a antropologia, no sentido da possibilidade de utilização de recursos como a “descrição densa” de Clifford Geertz:

a descrição densa serve, portanto, para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social. Essa abordagem é bem-sucedida na utilização da análise microscópica dos acontecimentos mais insignificantes, como um meio de se chegar a conclusões de mais amplo alcance (LEVI, 2011, p. 144).

Em outras palavras, uma observação atenta aos mínimos detalhes que podem revelar certas intenções e nuances, que normalmente passam despercebidos (ROCHA, 2018; 2020).

Nesse sentido, primeiro, o que desapareceu, isto é, o que havia nas edições anteriores e não está mais presente. Na primeira edição (1995) foi acrescentada, em separata com papel na cor azul, uma entrevista com o arquiteto, realizada pelo jornalista Mário César Carvalho, para o jornal *Folha de São Paulo*. Na segunda edição (1997), a entrevista foi incorporada ao final do volume e foi acrescida, novamente em separata, uma carta do então presidente Fernando Henrique Cardoso, parabenizando Lucio Costa

* Ricardo de Souza Rocha é Arquiteto, professor da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - RS, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-7291-2557>>.

¹ Para Stanley Fish, em uma comunidade interpretativa, “a comunicação se dá dentro de situações e estar numa situação é estar já em posse de (ou ser possuído por) uma estrutura de pressuposições, de práticas entendidas como relevantes com relação a objetivos e propósitos que já preexistem”. Stanley Fish, *Is There a Text in this Class?* 1980, p. 318.

² Lembrando, como fazia o próprio Lucio Costa *en passant, et pour cause*, que o primeiro prédio com pilotis, no Rio de Janeiro, era aquele onde o arquiteto morava no início dos anos 50, projetado por Paulo Camargo entre 1933-34.

³ A revista *Ante-projeto* havia sido fundada, em 1945, pelos estudantes da Faculdade Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro, entre os quais Edgar Graeff que prefaciaria anos depois *Sobre Arquitetura*. Em 1947, apareceria um volume importante – *Arquitetura Contemporânea no Brasil* – relativamente raro e que se colocaria, assim, entre *Brazil Builds* – o mitológico livro-catálogo sobre a arquitetura brasileira editado pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque em 1943 – e *Arquitetura Moderna no Brasil* (1956) de Henrique Mindlin. Na nota editorial em *Registro*, a compilação aparece datada em 1952.

⁴ Uma aparição precoce, nesse sentido, da obra de Costa em espanhol é a tradução de “Razões da Nova Arquitetura” na revista chilena *Arquitectura y Construcción*, n. 10, set. 1947 e n. 12, fev. 1948, antecedendo sua publicação, na Espanha, em *Informes de la Construcción*, n. 12, 1949.

pela comemoração dos seus noventa e cinco anos e comentando a “apreciação” do *Registro*. Embora não relacionemos a não incorporação desta carta à terceira edição com nenhum aspecto em especial, fica, não obstante, assinalado o fato, uma vez que retomaremos a mesma mais à frente.

A alteração da capa (*dust jacket* na edição original), graficamente mais atraente, substitui a foto sobre fundo branco de Costa por uma imagem colorida da fachada de um de seus projetos mais conhecidos, o conjunto residencial do Parque Guinle (1946-53), no Rio de Janeiro. A imagem da capa propriamente dita da primeira edição, um desenho do Plano Piloto de Brasília (1957), reaparece, como antes, logo nas primeiras páginas, com novas fotos de obras do arquiteto compondo o interior das capas. De qualquer forma, além de graficamente mais atraente, com detalhes como a substituição do título de fonte serifada na cor preta por outro em *sans-serif* branca, da foto do rosto do arquiteto para a fachada de uma de suas obras (basta, para tanto, olhar lado a lado as duas edições, primeira e última) há um efeito de distanciamento do tom pessoal, de resto a tônica em *Registro*, em direção à (ao sentido de) sua obra – tema do posfácio tratado adiante. Na citada parte interior das capas do livro, aparecem dois outros edifícios importantes na trajetória do arquiteto, igualmente em imagens coloridas: o Pavilhão da Feira Mundial de Nova Iorque (1938-39), em parceria com Oscar Niemeyer; e o Park Hotel de Friburgo (1944-46).

Na nota editorial, o leitor é advertido de que na segunda edição fora introduzido um pequeno texto de Paulo Jobim, datado de 1995, abaixo de uma imagem de Lucio Costa subindo a escada do Ministério da Educação e Saúde (1936-45). O pequeno texto, entretanto, colocava como crédito da realização da obra do Ministério, “*desde os pequenos ‘dominós’ da baixada [até] os pilotis por todas as partes*”². Além disso, houve a substituição de uma imagem em preto e branco, na página vinte e cinco, por outra a cores, e o acréscimo de um índice onomástico. A nota aponta ainda a série de compilações de obras de Costa publicadas anteriormente ao *Registro*:

- *Estudos*, separata da revista *Ante-projeto*³, número um, dos estudantes da Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro;

- *Estudos e Artigos de Lucio Costa*, edição de 1954 do Centro de Estudos de Teoria da Arquitetura, de estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul;

- *Obras Completas*, organizado por Roberto Sussmann na Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, em 1961.

O destaque, no entanto, fica com *Lucio Costa: Sobre arquitetura*, volume organizado por Alberto Xavier em 1962 – além de outro trabalho inédito, também organizado por Xavier, comentado adiante – e um esquecimento por conta de *Razones de la Nueva Arquitectura 1934 y Otros Ensayos* (COSTA, 1986), organizado pelo diplomata Arnaldo Carrilho, com o apoio da Embaixada Brasileira, e publicado em Lima⁴.

Os “Registros pessoais sobre o *Registro*”, de Maria Elisa Costa, oferecem mais elementos para análise. Paulo Jobim reaparece, sugerindo uma leitura “desarmada” do livro: títulos, subtítulos e legendas. O que chama a atenção, contudo, é a longa história de realização de *Registro de uma Vivência*. De fato, tudo começa com Alberto Xavier e

⁵Em depoimento ao autor, Alberto Xavier reforçou o caráter amador da distribuição da obra, realizada por reembolso postal, mas comparada com as publicações anteriores a qualidade gráfica era indiscutível. O mesmo valendo com relação ao projeto gráfico tipo “moderno desajeitado” - ver a análise do livro *Befreites Wohnen (1929)*, de Sigfried Giedion, por André Tavares (2016, p. 61-105) - elaborado por Lucio Costa em *Registro de uma Vivência*. Scliar, de fato, já era um artista conhecido, com ampla experiência em *design gráfico*. Ele já havia dirigido a *Revista de Arte*, suplemento da revista *Leitura*; concebido a parte gráfica da *Revista Horizonte*, com a qual ficaria envolvido até o ano de lançamento de *Sobre Arquitetura*; colaborado como consultor ou com criações gráficas para o teatro (*Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes, 1956) e cinema (cartazes para o filme *Rio Zona Norte*, de Nelson Pereira dos Santos, 1957); e dirigido o Departamento de Arte da *Revista Senhor*, entre 1958-1960. Com referência à “materialidade” de *Sobre Arquitetura* consultar Rocha (2020).

⁶ Alberto Xavier mostra-se ainda muito reticente em tratar em detalhes o assunto, que chegou, inclusive, a disputas por direitos. Não obstante, o autor obteve o relato do pesquisador Hugo Segawa, que trabalhou no projeto do livro com Carla Milano. Significativa, nesse sentido, lembrando a postura absolutamente respeitosa de Segawa para com Xavier, que foi seu professor, e Lucio Costa, o qual conheceu no episódio, é a informação de que Milano tinha em mãos um exemplar de *Sobre Arquitetura* com anotações de Costa, dedicado a Alexandre Eulalio, semelhante ao fac-símile publicado em 2007 pela Uniritter.

⁷Depoimento por e-mail ao autor em 11/04/2018.

⁸ Consultar, entre outros, os trabalhos de Luciano Patetta.

⁹ Do qual o autor tomou parte, não obstante, não autorizando a publicação editada de seu artigo em Nobre (2004).

Lucio Costa: Sobre arquitetura (1962), a primeira compilação de textos de Costa de caráter não doméstico, isto é, um empreendimento editorial mais complexo, incluindo projeto gráfico de Carlos Scliar⁵. Como é amplamente conhecido, *Sobre arquitetura* foi feito à revelia de Costa que, não obstante, deve ter se rendido ao incansável Alberto Xavier e à qualidade de seu trabalho (e ao de Scliar), ao menos por algum tempo. E este é o ponto fundamental: *Registro de uma Vivência* transformou-se de um projeto editorial comum entre Alberto Xavier e Lucio Costa em “o” livro do “velho”, tal como afirmou o fotógrafo amigo da família, Humberto Franceschi, citado por Maria Elisa Costa (apud COSTA, 2018, p. vii). Esta transformação, que começa com um trabalho subsequente à *Sobre Arquitetura*, realizado por Xavier em sua passagem pela Universidade de Brasília, em meados dos anos 60 (*Lucio Costa: Obra Escrita*), e vai até a ruptura de um contrato para a publicação de um livro pela editora Nobel, é narrada por Maria Elisa Costa com relação à versão da família – mas haveria ainda a versão de Alberto Xavier e a de Carla Milano, da Nobel⁶ – ver adiante.

Certamente, como nota Hugo Segawa

*penso que se o projeto da Carla Milano tivesse chegado a um termo, tendo Alberto Xavier como organizador, teríamos uma antologia menos pessoal, mais ampla no sentido de um legado que se desenharia a partir de uma pessoa – Xavier – que em um certo sentido, “conhece” Lucio Costa melhor que o próprio Lucio Costa.*⁷

Sobre Arquitetura começava com um polêmico texto – “O Aleijadinho e a arquitetura tradicional” (1929) – sobre o caráter decorativo da obra de Aleijadinho, que o próprio Lucio Costa considerava “pura ignorância” (apud XAVIER, 2007, p. 14). A pesquisa de Alberto Xavier procurava, assim, fornecer uma visão abrangente da obra de Costa, sem excluir obras anteriores à fase moderna, em uma postura avançada para os anos 1960-1970, tendo-se em vista que a revalorização historiográfica do ecletismo começa neste período⁸. Há momentos tensos como a decisão por não incluir a polêmica com José Mariano Filho e o neocolonial. Não seria absurdo admitir, no entanto, que Xavier ajuda Lucio Costa a “aceitar” sua produção anterior à conversão ao modernismo.

Para Lucio Costa, o que estava em jogo, não obstante, era que, como ele bem o expressa na mencionada entrevista para Mário César Carvalho: “*chegou um dado momento em que senti a obrigação de dar o meu recado. Senão, eu morrendo, as interpretações dos meus atos, da minha vivência, poderiam ser erradas*” (COSTA, 2018, p. 612). *Registro de uma Vivência*, com efeito, é a tentativa de Costa de retomar o controle sobre a interpretação de sua trajetória, de sua “vivência”. Como lembra Pierre Bourdieu “*uma parte muito importante da atividade intelectual consiste em lutar pela boa leitura*” (BOURDIEU, 2011, p. 242). Os últimos anos da atividade intelectual do arquiteto foram dedicados a tentar (re)estabelecer o protocolo de leitura de sua obra, sobrepondo-se, assim, ao criado por Alberto Xavier em *Sobre Arquitetura*.

Já o posfácio de Sophia Telles retoma texto publicado anos antes, como resultado de um seminário organizado por ocasião do centenário de nascimento de Lucio Costa⁹. Podemos identificar nele duas “operações” principais para estabelecer um novo protocolo de leitura da obra de Costa. Primeiro, o entendimento de que ele era “mais intelectual que arquiteto”. Segundo, a transformação de Lucio Costa em uma espécie de Michel de Certeau *sui generis*, que ao invés de identificar “táticas” de resistência

cotidianas, comporta-se como alguém que quer reinventar o cotidiano... dos outros – um “esteta do cotidiano”.

Sobre este ponto, poderíamos lembrar à discussão proposta por Adrian Gorelik (2013) sobre o reflexo no ambiente latino-americano dos debates, derivados da Escola de Chicago, entre as categorias de “contínuo folk-urbano”, de Robert Redfield, e de “cultura da pobreza”, de Oscar Lewis: as unidades de habitação modernistas construídas aqui, como no México ou alhures, enquanto atitude voluntarista de alteração da realidade social, em função da constatação “inevitável” do processo de aculturação urbana da população imigrante, no primeiro caso; e, no segundo, estudos procurando a identificação e definição de “táticas” de resistência semelhantes aos nascentes mutirões de autoconstrução – e Michel de Certeau estaria próximo destas últimas, ao passo que Lucio Costa da primeira.

Não obstante, nos detenhamos um pouco em como a primeira operação é realizada por Sophia Telles, já feita a ressalva do parágrafo anterior com relação à segunda. Basicamente, ela consiste em ver em Lucio Costa um “menino inglês”, leitor de Roger Fry e Clive Bell, adepto de “certo ideal da vida privada em que sentimentos e afetos mantém a mesma civilidade que qualquer ação pública”. Este parece ser, de fato, o “esquema” de *Registro de uma Vivência*, que procura misturar os dois âmbitos indistintamente. Sophia Telles fala de “sentimento da regra” ou a combinação de sentimento e regra, novamente “próxima aos ingleses”. Fernando Henrique Cardoso, o sociólogo não o ex-presidente, havia observado sobre Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil* (1936) que “a democracia requer regras, requer a igualdade formal, que assegure chances iguais a todos. O valor que se preza, entre nós, é o oposto: o êxito é sempre uma proeza única, pessoal, a despeito das regras”, (CARDOSO, 1993, p. 28).

A lembrança de Cardoso é duplamente pertinente pois, além do posfácio de Sophia Telles, há um texto, na primeira orelha da nova edição do livro, onde se realiza uma tentativa de equiparação de *Registro de uma Vivência* com obras clássicas de interpretação da cultura brasileira nos anos de 1930, como *Casa-grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*. Fernando Henrique Cardoso, o ex-presidente não o sociólogo, na carta citada parágrafos acima, propõe que em *Registro de uma Vivência* percebe-se a “significação humana de um itinerário individual de trabalho e estudo que representa... uma referência indispensável da arquitetura e do urbanismo brasileiros”. Não esqueçamos que o mesmo Fernando Henrique Cardoso (1993) havia retomado há pouco a famosa colocação de Antonio Candido sobre os clássicos de interpretação do Brasil, como os citados *Casa-grande e Senzala* e *Raízes do Brasil*.

Ora, se o reconhecimento da obra de Lucio Costa na arquitetura e no urbanismo do século XX é indiscutível – embora o “lugar” ou o “sentido” seja sempre discutível na batalha das interpretações – alçar, anacrônica e um tanto artificialmente, um livro como *Registro de uma Vivência* à categoria de *Raízes do Brasil* e *Casa-grande e Senzala* é operação que só se explica pela tentativa de construção, *a posteriori*, de um “clássico”.

Não é necessária muita reflexão para percebermos um ponto cego nesta última operação. Primeiro, algum anacronismo. Há, evidentemente, textos da década de 1930 em *Registro de uma Vivência*, alguns deles “clássicos” como “Razões da nova

arquitetura” (1933-35) e “Documentação necessária” (1937), que foram importantes na estruturação do debate no campo da arquitetura nos momentos em que foram publicados. A questão é que o conjunto é, fundamentalmente, heterogêneo. Com efeito, falta ao mesmo aquilo que Sergio Miceli (2018) retoma da polêmica entre Perry Anderson e Edward Thompson, isto é, a noção de uma “totalidade”. Um “registro de uma vivência”, ou mesmo “um itinerário individual de trabalho e estudo”, não pode constituir um ensaio de interpretação de uma nação. A própria Sophia Telles aponta, no conjunto dos escritos de Lucio Costa, “a sutileza com que nota os dilemas da circunstância brasileira, sem que se detenha a analisar o arco de razões que sustentam tal precariedade” (apud COSTA, 2018, p. 619). E mesmo admitindo que os principais textos de Costa constituam uma totalidade interpretativa da cultura brasileira pelo viés da arquitetura, o clássico seria *Sobre Arquitetura*, que circulou nas mãos de várias gerações, e não *Registro de uma Vivência*, publicado quando o ciclo moderno na cultura brasileira já havia encerrado.

Clássico reincidente

Uma pequena enquete, entre alguns pesquisadores conhecidos, levanta algumas questões sobre o entendimento, por sua vez, de *Sobre Arquitetura* enquanto um clássico¹⁰. Sylvia Ficher, em tom algo dissonante entre os depoimentos, começa apontando que

tem livros que tenho e nem sei que tenho. É uma baita surpresa quando encontro alguns deles na estante. Outros, sei exatamente quando e onde comprei, quando li e, por incrível que pareça, lembro perfeitamente do que li. Um desses é o Sobre arquitetura.

(...) Comprei o Sobre Arquitetura entre 1970 e 1972, de um livreiro português muito gentil, porém cujo nome agora me escapa. Isso foi na FAU Nova [Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo], como chamávamos o prédio da Cidade Universitária, mas ele vendia livros desde os tempos da FAU Maranhão, e não só lá mas também na Filosofia, na Maria Antonia.

A “dissonância” ficando por conta do fato de que a lembrança acima contrasta, contudo, com a observação de que

Não saberia precisar se Lucio Costa era influente entre meus colegas nos meus tempos de estudante (1968-72), mas arriscaria o palpite que não muito. O debate era voltado mais para a relação política/arquitetura e quero crer que textos como “Arquitetura nova”, do Sergio Ferro, e “O desenho”, do Artigas, ambos de 1967, repercutiam bem mais entre nós. E, antes deles, outros textos do Artigas, como “Le Corbusier e o imperialismo” e “Os caminhos da arquitetura moderna”, ambos de inícios da década de cinquenta.

O depoimento, no entanto, flui e a pesquisadora aponta nova reviravolta, retrospectivamente

Evidentemente, tudo isso mudou dos anos noventa em diante com a ampliação dos cursos de pós-graduação, quando Lucio Costa e sua obra ganharam excepcional proeminência e passaram a ser um dos temas nobres para os estudiosos da arquitetura brasileira.

¹⁰Veja-se também o depoimento de Ruth Verde Zein, “Sobre Arquitetura: um Clássico que Nasceu Impertinente” (2007).

Voltando ao Sobre arquitetura, ao longo dos anos li vários dos seus textos, com destaque para aqueles mais óbvios: “Razões da nova arquitetura”, “O arquiteto e a sociedade contemporânea”, “Documentação necessária” e “Depoimento de um arquiteto carioca”, “Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro”. Este último, devo ter relido com mais atenção quando comecei a dar aulas em Santos em 1979, justamente sobre o período colonial.¹¹

¹¹ Depoimento ao autor por e-mail em 10.5.2020.

Portanto, se no ambiente politizado da virada dos anos 1960-1970 em São Paulo – momento do ato institucional número cinco, com o recrudescimento da ditadura etc – o debate no campo da arquitetura aproximava-se àquele travado entre Vilanova Artigas e Sérgio Ferro, ao final da década de 1970, a institucionalização da história da arquitetura brasileira colonial, por seu turno, talvez possa ter levado a uma redescoberta de *Sobre Arquitetura*.

Entrando na FAU-USP em um período no qual Ficher já havia saído, em seu depoimento, Hugo Segawa assinala

adquiri o livro em uma circunstância fortuita. Era estudante no segundo ano da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo e correu a notícia que havia uma iniciativa de arrematar um estoque de livros “encalhados” na escola de arquitetura de Porto Alegre. Os interessados poderiam fazer uma inscrição no departamento de história da arquitetura e estética do projeto para comprar o livro. Tenho anotado no exemplar que ele me custou cinquenta cruzeiros, com a data onze de junho de 1976¹².

¹² Depoimento ao autor por e-mail em 11.4.2018.

O autor possui um exemplar “similar” que pertenceu a outra colega – Rosa Maria Garcia Rolim de Moura, professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas, falecida, infelizmente, há alguns anos. O exemplar está datado de junho de 1975, época em que Rosa ainda era estudante na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possuindo passagens sublinhadas e anotações nas margens, não datadas. Os textos marcados são: “O Aleijadinho e a Arquitetura Tradicional”, “Razões da Nova Arquitetura” e “Considerações Sobre o Ensino de Arquitetura”.

Como nos casos de Sylvia Ficher e Rosa de Moura, Segawa constitui um exemplo de estudante de graduação que teve a oportunidade de comprar o livro “novo”. Provavelmente, a tiragem de dois mil e quinhentos exemplares não havia ainda esgotado. Por outro lado, deve-se lembrar da rede de distribuição “alternativa” do livro, que pode ter limitado a capacidade de venda, lembrando que, alguns anos depois, ele se tornaria item raro. Sobre a leitura do volume, continua Segawa,

li várias partes de Lucio Costa: Sobre Arquitetura como um estudante em ritual iniciático. Não fiz a leitura completa, mas sempre foi uma publicação de consulta em diversas oportunidades ou para diversas necessidades. Um texto muito importante, para quem começava a trilhar os caminhos da história da arquitetura, é “Documentação Necessária” – cujo acesso então se limitava à consulta da publicação original de 1937 na revista do então Sphan¹³.

¹³ Idem.

Este último constituindo, com efeito, um texto chave, tanto quanto “Razões da Nova Arquitetura”, sendo apontado mesmo, por alguns arquitetos e pesquisadores

portugueses, como tendo contribuído para a elaboração do *Inquérito Sobre a Arquitetura Popular em Portugal*. Não obstante, um aspecto a se destacar, na perspectiva comparada entre os dois primeiros depoimentos, é que Sylvia Ficher deixou a FAU-USP em 1972, Segawa entrou em 1975, teria sido o tempo decorrido entre os anos 1972-1975 suficiente para uma mudança na recepção da obra de Lucio Costa em São Paulo?

Dando sequência ao depoimento de Segawa, o pesquisador comenta sua participação no longo processo que vai da transformação da ideia de um segundo volume de *Lucio Costa: Sobre Arquitetura*, embalada por Alberto Xavier durante vinte anos, à publicação de *Registro de uma Vivência* (1995)¹⁴. O final do drama foi o cancelamento do contrato celebrado entre Xavier e Costa e a editora Studio Nobel. Prossegue Segawa:

¹⁴O depoimento (quase) completo será publicado em livro do autor (ROCHA, 2020).

*[se] a primeira antologia de 1962, [...] surpreendeu o próprio autor; decerto [a segunda] não o surpreenderia em 1985, dada a cumplicidade explícita entre Lucio Costa e Alberto Xavier. Mas o olhar “de fora” do último traria um discernimento distinto do cunho autobiográfico que permeou o Registro de uma Vivência*¹⁵.

¹⁵Depoimento ao autor por e-mail em 11.4.2018.

Lamentavelmente, a obra, como mencionado, não foi a termo. Entretanto, a história desta espécie de segundo volume de *Lucio Costa: Sobre Arquitetura* pode ser (re) contada peneirando os documentos disponibilizados *online* pela fundação Casa de Lucio Costa.

Outro pesquisador importante, Andrey Schlee, ex-diretor do setor de patrimônio material do Iphan, professor na Universidade de Brasília, em depoimento ao autor, escreveu:

*Tenho três exemplares do livro. Dois originais e um fac-símile. Meu primeiro exemplar foi adquirido em Porto Alegre (...). Para os alunos sempre disponibilizei uma versão “xerox”, especialmente dos artigos ‘Razões’... e ‘Arquitetura Jesuítica’ [sic]. Meu segundo volume foi adquirido também em Porto Alegre, mas recentemente. A edição fac-símile ganhei dos próprios organizadores quando do evento de lançamento na FAU-UNB (na época era diretor). A edição fac-símile ganhou importância por trazer as anotações do próprio Lucio Costa. Como falei, tenho também uma versão “xerox”, essa sim anotada. Observações relativas à importância de alguns artigos, correções de datas, comentários... Informações obtidas ... dos primeiros organizadores, Xavier e [José Carlos] Coutinho (meu colega na UNB). Trata-se de material de consulta permanente!*¹⁶

¹⁶Depoimento dado por e-mail em 18.3.2018. “Arquitetura Jesuítica” não consta em *Sobre Arquitetura*.

Schlee pertence a uma geração de pesquisadores anteriores a minha, formados na graduação nos anos de 1980. Seu mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul é concluído antes do lançamento de *Registro de uma Vivência. Sobre Arquitetura* constituiu para essa geração, portanto, a forma de acesso mais sistemática ao pensamento e à obra de Lucio Costa.

Já *Registro de uma Vivência*, como dito, pode ser entendido como uma tentativa de Costa de retomar o controle sobre a interpretação de sua obra. Outro exemplo cabal disto, é o caso da coletânea de artigos do arquiteto publicada no Peru, sob os auspícios da embaixada brasileira, em 1986. Iniciativa do diplomata Arnaldo Carrilho, entusiasta da obra de Costa, a proposta de tradução de alguns de seus artigos vinha acompanhada da proposição de um livro sobre o arquiteto. A resposta de Costa é

típica: “o seu solidário e generoso empenho muito me tocou, mas veio tarde, pois deve sair no fim do ano, editado pela Nobel, de S[ão] Paulo, o livro que você estava imaginando fazer com minha ajuda”¹⁷.

¹⁷Item VI A 01-00994 do acervo da Casa de Lucio Costa <<http://www.casadeluciocosta.org/>>.

Carrilho não deu prosseguimento ao livro sobre Costa, mas realizou *Razones de la Nueva Arquitectura 1934 y Otros Ensayos*, uma tradução de textos do arquiteto. Não obstante, como edição não comercializada e destinada a “entidades e personalidades da cultura do mundo hispânico” esta tradução para o espanhol é (quase) completamente desconhecida pela historiografia sobre a arquitetura moderna no Brasil¹⁸, ao que parece mais preocupada, desde *Brazil Builds*, com a repercussão (impressa) da arquitetura brasileira nos países “desenvolvidos” – quadro que só se altera de uns anos para cá.

¹⁸Agradeço a Hugo Segawa a sua lembrança.

De qualquer forma, *Registro de uma Vivência*, enquanto intenção de Lucio Costa de retomar o controle sobre a leitura de sua obra, o faz, nesse sentido, apenas em parte, já que logo surgiram as comparações com as versões dos textos em *Sobre Arquitetura*, ainda mais estimuladas com a edição fac-similar com anotações e comentários de Costa – não é a toa que Alberto Xavier fala então de livro “ressuscitado”, a propósito da segunda edição de *Sobre Arquitetura*, pela UniRitter, em 2007.

Considerações finais

Como se procurou mostrar, *Sobre Arquitetura* é, sem sombra de dúvidas, um “verdadeiro clássico”. De fato, há na nova edição de *Registro de uma Vivência* o reconhecimento da importância de Alberto Xavier em toda essa trajetória – como um duplo dialógico de Lucio Costa. Primeiro, com a contribuição fundamental de *Sobre Arquitetura*; cuja “continuação” conduz, de certo modo, ao *Registro*¹⁹; e a possibilidade de comparar textos publicados nos dois volumes e que foram editados com cortes no último; há, ainda, a edição fac-similar de *Sobre Arquitetura* com anotações de Lucio Costa, publicada após o *Registro* pela UniRitter, em 2007. Finalmente, uma outra compilação de textos de Costa, organizada por Xavier e com circulação bastante restrita, *Lucio Costa: Obra Escrita*, é citada quatro vezes no posfácio escrito por Sophia Telles para a nova edição de *Registro de uma Vivência*, perdendo em número apenas para as citações retiradas do próprio *Registro*, lembrando que há textos cujas primeiras versões, não editadas e sem cortes, só aparecem em *Sobre Arquitetura*. Ou seja, para estabelecer um novo protocolo de leitura da obra de Costa e de seu *Registro*, a historiadora e filósofa teve que recorrer novamente ao papel mediador de Alberto Xavier, que reuniu textos que Lucio Costa descartou ou editou.

¹⁹Vale destacar, como lembra Sylvia Ficher, que “a primeira edição do *Registro de uma vivência*, de 1995, foi, na verdade, uma coedição da Empresa das Artes com a Editora da UnB. Naquela ocasião, eu pertencia ao seu Conselho Editorial e consegui aprovar a Coleção *Arquitetura & Urbanismo*, tendo justamente como primeira obra o *Registro*, previsto para ter como título *Compilação de sentido autobiográfico* [...]. O livro estava no prelo, faltando recursos para a impressão, e recebeu apoio financeiro direto do Reitor João Cláudio Todorov, o qual entendeu a urgência e a relevância da participação da UnB”. Depoimento ao autor por e-mail em 14.5.2020.

Só resta aguardar, assim, a publicação de *Lucio Costa: Obra Escrita* como um novo capítulo deste importante “diálogo”, para a cultura brasileira, entre Lucio Costa e Alberto Xavier, acumulando “clássicos” um após o outro.

Referências bibliográficas

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL. Rio de Janeiro: Gertum Carneiro, 1947.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: Chartier, Roger (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, pp. 229-253.

CARDOSO, Fernando. Livros que inventaram o Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 37, p. 21-35, nov. 1993.

- CHARTIER, Roger (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- COSTA, Lucio. Estudos. *Ante-projeto*, Rio de Janeiro, n. 1.
- _____. *Estudos e Artigos*. Porto Alegre: Centro de Estudos de Teoria da Arquitetura, 1954.
- _____. *Obras Completas*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, 1961.
- _____. *Razones de la nueva arquitectura 1934 y otros ensayos*. Lima: Embaixada Brasileira, 1986.
- _____. *Registro de uma vivência*. São Paulo: SESC, Editora 34, 2018 (1ª edição 1995, 2ª edição 1997).
- FISH, Stanley. *Is There a Text in this Class? The Authority of Interpretive Communities*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GORELIK, Adrian. *Ciudad e Vivienda en America Latina: debates socio-antropológicos entre 1940 y 1975*. São Paulo: 2013. <<https://www.youtube.com/watch?v=oDPfFgMuE0s>>. Acesso em: 7 dez. 2018.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais no Brasil e na Argentina em perspectiva comparada*. Florianópolis: 2018. <<https://www.youtube.com/watch?v=uqQZqm3zbYE>>. Acesso em: 7 dez. 2018.
- NOBRE, Ana et. al. *Lucio Costa: um modo de ser moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- ROCHA, Ricardo. Tropicalismo e (in)disciplina: Gregori Warchavchik e Wladimiro Acosta. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo n.1, 2018.
- _____. *História da arquitetura e construção luso-brasileira: livros, leituras e bibliotecas*. São Paulo: Edusp, 2020 (no prelo).
- TAVARES, André. *Anatomia do livro de arquitetura*. Porto: Dafne, 2016.
- XAVIER, Alberto (org.). *Lucio Costa: Sobre arquitetura*. Porto Alegre: CEUA, 1962.
- _____. *Lucio Costa: Sobre arquitetura*. Porto Alegre: UniRitter, 2007 (edição fac-similar com anotações de Lucio Costa).

Recebido [Abr. 09, 2019]

Aprovado [Mai. 25, 2020]